REVISTA ZERO HORA

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Porto Alegre, 13 e 14 de abril de 2019

ZERO HORA

Sentidos da vida

Na temporada 2019, oito conferências em Porto Alegre vão debater a necessidade de elaborarmos novas perguntas para compreender nossas trajetórias e o universo

MATEUS BRUXEL

Novas buscas, *novas respostas*

Há mais de 13 anos, o Fronteiras do Pensamento é palco para as discussões necessárias dos tempos atuais. A cada temporada, apresenta uma seleção especial de conferencistas para debater o tema-chave a partir de diferentes perspectivas e de áreas como literatura, cinema, filosofia, ciência, psicanálise e humanidades. Em 2019, serão sete eventos no Salão de Atos da UFRGS e um evento no Salão de Atos da PUCRS. Oito oportunidades para seguir o conhecimento, cultivar a inspiração, vivenciar o debate e ultrapassar as fronteiras. Confira a programação e saiba como adquirir o pacote de ingressos para participar.

13 DE MAIO

GRAÇA MACHEL

"Não consigo encontrar explicação plausível para que se considere a mulher como ser inferior. Para trabalho igual, o salário tem que ser igual."

17 DE JUNHO

PAUL AUSTER

"Ser artista é fracassar, como ninguém mais ousa fracassar, o fracasso é o seu mundo."

1º DE JULHO

ROGER SCRUTON

"Quando os problemas ficam nas mãos dos governos, perdemos o controle sobre eles."

19 DE AGOSTO

DENIS MUKWEGE

"Os corpos das mulheres se tornaram um verdadeiro campo de batalha e o estupro está sendo usado como uma arma de guerra."

2 DE SETEMBRO

JANNA LEVIN

"Todo tipo de desordem de alto impacto pode fazer soar o espaço-tempo."

23 DE SETEMBRO

WERNER HERZOG

"O denominador comum do universo não é a harmonia, mas sim o caos, a hostilidade e o assassinato."

21 DE OUTUBRO

CONTARDO CALLIGARIS

"É preciso sentir plenamente as dores: das perdas, do luto, do fracasso."

11 DE NOVEMBRO

LUC FERRY

"A felicidade não existe. Temos momentos de alegria, mas não existe um estado permanente de satisfação."

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moinhos de Vento, empresas parceiras Unicred e CMPC Celulose Riograndense, e parceria cultural PUCRS. Universidade parceira UFRGS e promoção Grupo RBS.

COMO PARTICIPAR
O acesso ao ciclo de conferências *Fronteiras do Pensamento* Porto Alegre se dará exclusivamente através da aquisição do pacote de ingressos para os oito encontros da temporada 2019.

INVESTIMENTO
Valor do pacote de ingressos: R$ 1.880,00
Valor do pacote de ingressos com VIP PASS: R$ 2.715,00 (inclui um pacote de ingressos e o acesso à Sala Vip em todos os eventos, com serviço de coquetel e outras experiências exclusivas).

Valores parcelados em até 6 vezes sem juros nos cartões de crédito.

50% DESCONTO
Valor do pacote de ingressos: R$ 940,00
Valor do pacote de ingressos com VIP PASS: R$ 1.775,00 (o desconto se aplica somente sobre o valor do pacote de ingressos, não havendo desconto sobre o valor dos serviços oferecidos).

- Inscritos no *Fronteiras* em edições anteriores
- Médicos cooperados Unimed Porto Alegre (+ acompanhante)
- Clube do Assinante
- Professores e colaboradores da UFRGS e da PUCRS
- Médicos e colaboradores do Hospital Moinhos de Vento
- Assinantes TAG Livros
- Meia-entrada conforme legislação

30% DESCONTO
Valor do pacote de ingressos: R$ 1.316,00
Valor do pacote de ingressos com VIP PASS: R$ 2.151,00 (o desconto se aplica somente sobre o valor do pacote de ingressos, não havendo desconto sobre o valor dos serviços oferecidos).

- Clientes Unimed Porto Alegre + acompanhante

IMPORTANTE
- Descontos não cumulativos
- Os ingressos não serão vendidos individualmente.
- Programação sujeita a alterações.
- Classificação etária: 16 anos.
- As conferências contarão com tradução simultânea.

VAGAS LIMITADAS

PONTOS DE VENDA
Bamboletras – Rua Gen. Lima e Silva, 776, loja 3, de segunda a sábado (10h às 22h) e domingo (15h às 22h)
Instituto Ling – Rua João Caetano, 440, de segunda a sexta (10h30min às 22h) e sábado (10h30min às 20h)
Casamundi – Av. Borges de Medeiros, 2500/1909, de segunda a sexta (9h às 18h)

HORÁRIO DAS CONFERÊNCIAS
Início às 19h45min

LOCAL DAS CONFERÊNCIAS
Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 – Porto Alegre).
Exceto a conferência de 21 de outubro, que ocorrerá no Salão de Atos da PUCRS (Av. Ipiranga, 6.681)

INFORMAÇÕES e VENDAS

4020–2050

www.fronteiras.com

www.sympla.com.br

*sem taxa de conveniência

EXPEDIENTE REVISTA: Coordenação e Edição: Luciana Thomé | Diagramação: Aluísio Pinheiro | Fotos: Mateus Bruxel | Revisão: Renato Deitos | Conselho Editorial: Francisco de Azeredo, Rosane Tremea e Ticiano Osório | *As opiniões expressas nos artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

TEMPORADA 2019

O mundo contemporâneo coloca a questão do significado de nossa existência em uma perspectiva e em um universo totalmente novos

Por uma vida interessante

A filosofia, a ciência, a cultura e muitas outras áreas especulam, investigam e debatem sobre os sentidos da existência. Tema complexo e, por natureza, subjetivo. Contardo Calligaris disse, certa vez, que não desejava simplesmente ser feliz, mas viver uma vida interessante. Não há acordo, por óbvio, sobre o que isso possa significar. Calligaris parece sugerir que interessante é a vida que assume riscos. A vida que recusa o esconderijo da pequena felicidade e o culto algo mecânico do bem-estar prudente e previsível.

Este é apenas um sentido possível. A pergunta sobre como viver foi o grande tema da filosofia antiga e ressurge, entre os modernos, nos *Ensaios* de Montaigne, no *Cândido* de Voltaire, em Nietzsche e na literatura do século 19.

O mundo contemporâneo recoloca o tema em um universo novo. Em primeiro lugar, vivemos mais. A expectativa de vida cresceu 25 anos no último meio século no Brasil. Em segundo, somos mais urbanos, mais educados e plenos de informação. Vivemos a integridade de uma "sociedade reflexiva", na expressão de Anthony Giddens, em que há muito se perdeu qualquer possibilidade de consenso em torno de valores fundamentais nos planos da ética ou da estética.

Portanto, é uma ilusão imaginar que o pensamento ou a filosofia nos oferecerão um caminho seguro sobre como lidar com a incerteza e o caos que residem na alma da vida contemporânea. Mas é possível que a reflexão calma nos ajude a navegar. Ofereça, quem sabe, não as grandes respostas, mas as perguntas que valem a pena serem feitas.

Desde sempre, este foi o desafio da filosofia. E, de algum modo, serão as questões que atravessarão a temporada do **Fronteiras do Pensamento** 2019. O que move um grande seminário voltado ao pensamento, no fundo, é o cultivo da curiosidade intelectual. Buscar alguma ordem em meio à babel é uma propensão humana, e são as ideias, a literatura, os consagrados personagens e a experiência da vida compartilhada que podem nos oferecer algum sentido de ordem.

Um caminho possível é o que sugere Luc Ferry: a ideia de que aprender a viver é vencer o medo do irreversível. Sua imagem perfeita é a do corvo, no poema de Edgar Allan Poe, a cada instante repetindo "nunca mais". Não se trata propriamente do medo da morte, mas de tudo aquilo que morre todos os dias. Também não discorre sobre o medo dos acontecimentos, da violência, das crises econômica ou ecológica. Diz respeito à condição humana. Nossa condição de viver em um mundo precário em que a perda, por vezes definitiva, é o preço a pagar por cada uma de nossas escolhas.

Outra resposta quem dá é Denis Mukwege, que oferece à vida um inquietante sentido heroico. A história do médico que teria diante de si a vida segura e confortável da Europa, mas que decide voltar ao Congo, em meio à guerra, e dedicar sua atuação a devolver a dignidade a mulheres vítimas das mais atrozes formas de violência sexual. Mukwege concebe a vida a partir de um profundo senso de ética. "Justiça é responsabilidade de todos", defende.

Ou quem sabe poderia ser a resposta de Roger Scruton e sua teoria da arte. A ideia de que "podemos lidar com a tristeza da vida, em parte, porque podemos representá-la e, deste modo, lhe oferecer um sentido". Algo que vá além da mera utilidade, que é rigorosamente inútil, ainda que em algum momento indispensável.

Se cada um de nós pode enxergar um traço da vida no desencanto ou nas alegrias de Nathan Glass, o comovente personagem de Paul Auster em *Desvarios no Brooklyn*, é porque de algum modo somos parecidos com ele: urbanos, lidamos com a solidão, cultivamos afetos por vezes difíceis e aprendemos a reconstruir as coisas quando tudo parece ter se complicado de um jeito inesperado.

Vai aí o sentido da grande literatura. Ou quem sabe da grande filosofia. É aquela que nos incomoda, que mexe com a imaginação, quebra a rotina dos dias e de alguma forma melhora a nossa vida. Se não para fazê-la mais feliz, ao menos para provocar a reflexão e a ação e torná-la mais interessante.

Fernando L. Schüler
Doutor em Filosofia e mestre em Ciências Políticas pela UFRGS. É professor no Insper e curador do *Fronteiras do Pensamento*

A arte de inventar *soldoes*

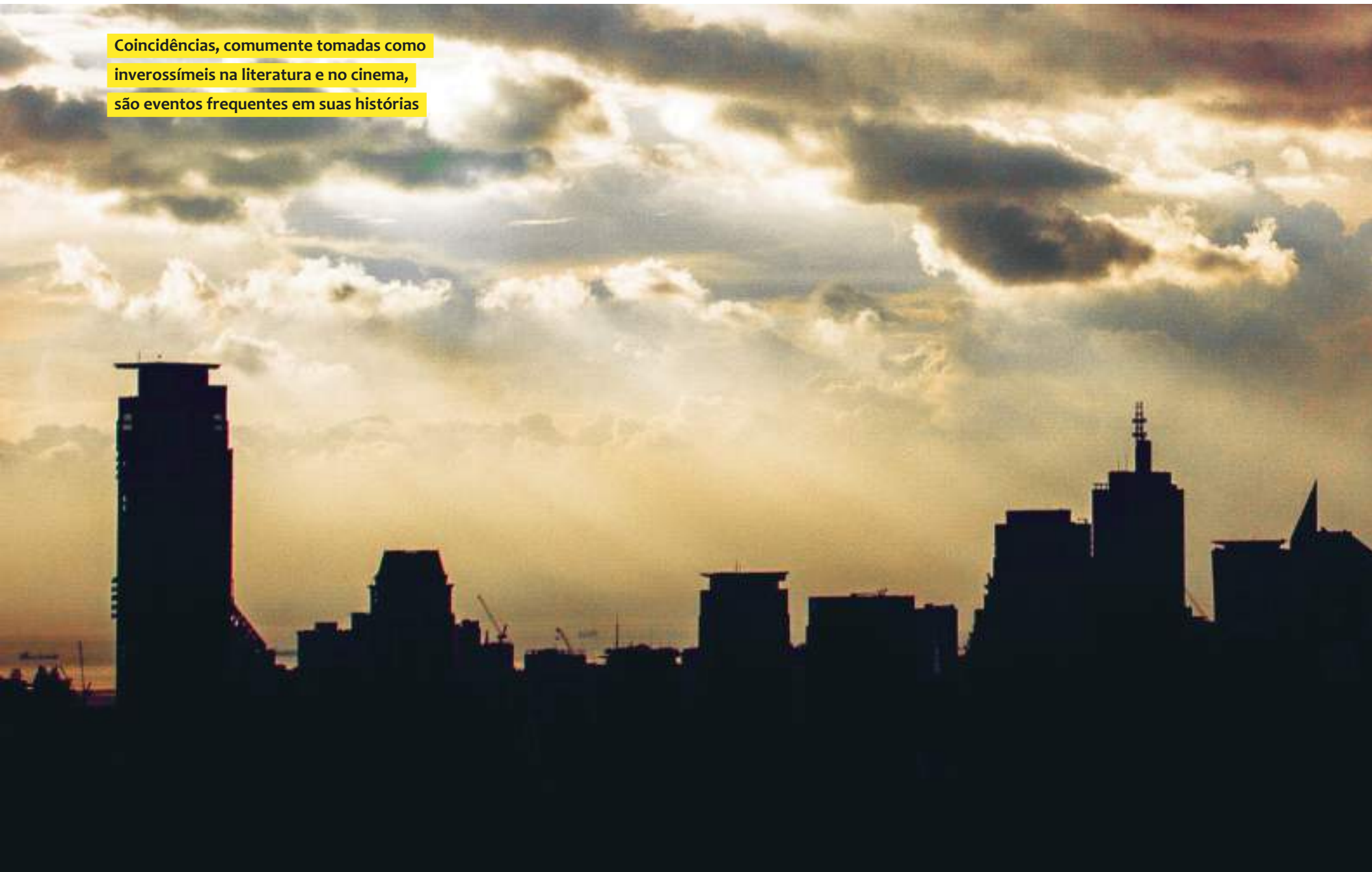
Preservar a identidade é um trabalho de constante readaptação, à medida que novas circunstâncias impõem também um novo regime de sentidos. Isso é tão verdade a respeito da subjetividade humana como também das grandes cidades, cujas paisagens se modificam um pouquinho todos os dias, até que sejam erodidas por completo – preservando, no entanto, um nome e uma memória comuns. A mediação entre subjetividade e vida urbana serve de motor para *A Trilogia de Nova York* (1985-86), obra que introduziu ao mundo a ficção de Paul Auster.

O tríptico (formado por *Cidade de Vidro*, *Fantasmas* e *O Quarto Fechado*) toma emprestado de Hollywood o imaginário do cinema *noir* – gênero que, fascinado pela cidade e suas formas, talvez seja o único indissociável desse organismo social e geográfico. Estabelecendo paralelos entre os ofícios do escritor e do detetive, Auster contempla o paradoxo que rege a vida em comunidade nas cidades imensas: ao mesmo tempo em que força o convívio diário com milhares de estranhos, sua psicogeografia é de um tipo que induz ao isolamento. Ninguém mais adequado para investigar esse assunto, portanto, que um escritor – esse indivíduo de natureza exótica, cuja vida é dedicada a sentar-se sozinho num quarto.

A obra de Auster consiste em inventar solidões. Numa literatura na qual a identidade nacional se notabiliza como substância medular (como é, ao menos tradicionalmente, a dos Estados Unidos), sua ficção é um universo próprio, dotado de forças fundamentais particulares, ao mesmo tempo em que estabelece vínculos com diferentes tradições literárias. Antes da publicação de *A Trilogia*, Auster obteve destaque como poeta, além de ter escrito um livro de memórias e, sob pseudônimo, um romance policial. Sua ficção posterior serve de terreno comum a esses modos: são investigações íntimas empreendidas por homens em estado de afasia – incapazes de reconhecer os significados de seus entornos e, portanto, livres para encontrar maneiras próprias de se relacionar com a linguagem. É a obsessão dos poetas/detetives austerianos que lhes permite articular novos sentidos e, através desse exercício poético, encontrar a si mesmos no meio do caos. A linguagem, para Auster, é o reino da transcendência humana.

David Zimmer, o narrador de *O Livro das Ilusões* (2002), perde esposa e filhos num trágico acidente aéreo. Prestes a cometer suicídio, encontra amparo nos filmes de Hector Mann, figura obscura das comédias silenciosas que o mundo esqueceu. A curiosidade faz

Coincidências, comumente tomadas como inverossímeis na literatura e no cinema, são eventos frequentes em suas histórias



A obra de Auster sugere que o mundo é regido pelo acaso, ou por uma vontade intangível à nossa compreensão. Tal força molda nosso caráter e faz com que sejamos uma coisa e não outra. Mais que um romance de formação, 4321 é uma odisseia mundana onde seguimos a causalidade que move o destino.

com que Zimmer escreva um livro a respeito da obra de Mann. Mais tarde, descobre que o comediante ainda está vivo e que sua reclusão se deve a uma tragédia pessoal. "[Mann] passou os anos de cativeiro adquirindo uma nova linguagem com a qual pensar as condições de sua sobrevivência e dar sentido à dor constante e impiedosa que levava no coração. (…) o rigor desse seu treinamento intelectual acabou por transformá-lo em outra pessoa."

4321 (2017), seu livro mais recente, é um corajoso experimento formal. Acompanha, de modo intermitente, quatro versões da infância e juventude de um mesmo personagem, Archie Ferguson. Circunstâncias únicas às linhas do tempo fazem com que cada Ferguson desenvolva sua própria personalidade e, portanto, sua maneira única de elaborar o mundo através da linguagem. Tornam-se escritores, mas cada Ferguson opta por trabalhar em um gênero de escrita diferente dos demais. Ainda que distintos, os quatro são apenas um, ou quatro desdobramentos de uma mesma identidade.

A obra de Auster sugere que o mundo é regido pelo acaso, ou por uma vontade intangível à nossa compreensão. Tal força molda nosso caráter e faz com que sejamos uma coisa e não outra. Mais que um romance de formação, *4321* é uma odisseia mundana onde seguimos a causalidade que move o destino – se é que existe um. Coincidências, comumente tomadas como inverossímeis na literatura e no cinema, são eventos frequentes em suas histórias – mais ainda em *4321*, onde só podem ser percebidas do lado de fora da vida (ou seja, pelo leitor). Sua ficção nos convida a observar e aceitar esse absurdo fundamental – que, como fica evidente nos relatos verídicos de *O Caderno Vermelho* (1995), é visto como ponte entre os níveis concreto e simbólico da existência: vida e ficção. Ao menos foi isso o que concluí ao encontrar o número do telefone de Auster, rabiscado com uma esferográfica, na contracapa de uma edição amarelada de um de seus livros, adquirida num sebo em 2013.

A ficção pode se dar ao luxo de ser verossímil. A vida, não.

Matheus Borges
Escritor e roteirista, graduado pela Unisinos. *A Colmeia*, seu primeiro trabalho em longa-metragem, tem estreia prevista para o segundo semestre

PAUL AUSTER (1947), escritor norte-americano. Nova York é o cenário de seus livros. A grande metrópole, com seus habitantes e dramas, está nos romances que trazem reflexões existenciais, paradoxos e coincidências. *Best-seller* e consagrado ficcionista norte-americano, Auster é um escritor para ser lido e celebrado. Atuando também como roteirista e poeta, possui uma obra traduzida para mais de 40 idiomas. Ganhou fama internacional ao lançar *A Trilogia de Nova York*, eleito pelo *The Guardian* como uma das cem melhores obras de ficção de todos os tempos.

Mukwege recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2018, em conjunto com Nadia Murad, por seu trabalho de relevância humanitária

Um farol no coração das trevas

Há 11 anos fomos apresentados ao doutor Denis Mukwege e à sua esposa. Manhã de sábado, um largo sorriso e um caloroso abraço nos conduziram à sua varanda. Nosso grupo de médicos estava, por semanas, operando crianças na África; ele, por décadas, mulheres. O país era o antigo Zaire, que, estranhamente, passou a ser chamado de República Democrática do Congo. Estávamos a sudeste de um enorme país no coração da África na cidade de Bukavu. Mukwege toma a dianteira e, sorrindo, pergunta:

– Como está o trabalho no hospital? – Sua esposa traz um café e senta-se ao seu lado.

– Muito difícil, pois a cada dia os desafios são maiores para manter o fluxo de cirurgias propostas, mas o pessoal está motivado. Como é a situação no seu hospital?

– Dr. Milton, agradeço a sua pergunta – sinalizou positivamente para mim.

Inicia mansa e pausadamente a falar sobre nossas – e não as próprias – dificuldades com as crianças e de nosso trabalho.

– Tudo pode ser feito, basta querermos. Vocês têm o mais importante: vontade – complementa o nosso anfitrião.

A vontade de Mukwege me é explicada por outro médico africano. Trata-se de resistir ao inevitável, como a espreita de um leão todas as noites na solidão da savana.

A conversa continua e Mukwege, antes de tudo, agradece as perguntas.

– O cenário de Panzi exige muito trabalho, quando começo a cansar lembro-me das caminhadas com o meu pai, um pastor pentecostal no interior do Congo. De porta em porta, visitava famílias muito humildes, os males eram inúmeros, mas a indiferença era o maior deles. Ele sabia disso e combatia com a gratidão; não aquela recebida, e sim a oferecida. Criança, ainda, perguntei ao meu pai que tipo de profissão ele tinha. – Sou um tipo de médico de almas – respondeu, sem muito alarde. Hoje sou pastor e médico, e percebo, de certa forma, que continuo as caminhadas de meu pai.

Em contraste, a primeira visita a Porto Alegre é farta de informação e interesse sobre o Dr. Denis Mukwege, sobre sua trajetória, competência profissional, luta pela dignidade humana e seus vários prêmios honoríficos. O Prêmio Nobel da Paz, recebido em dezembro de 2018 em conjunto com Nadia Murad, os eterniza entre as pessoas de reconhecida relevância humanitária. O trabalho no Hospital de Panzi é sem precedentes; trata o impensável para a maioria das pessoas. O estupro é usado como arma de guerra no coração da África. A guerra – declarada ou não – ceifou mais de 6 milhões de vidas; degradou e degrada o corpo, o coração e a mente de seus sobreviventes. As vítimas, como em toda guerra, são pessoas

A guerra – declarada ou não – ceifou mais de 6 milhões de vidas; degradou e degrada o corpo, o coração e a mente de seus sobreviventes. As vítimas, como em toda guerra, são pessoas comuns arrancadas de seus cotidianos; na maioria mulheres e crianças.

comuns arrancadas de seus cotidianos; na maioria, mulheres e crianças. A violência empregada neste cenário não reconhece limites; crianças com meses de vida ou anciãs são violadas e brutalmente mutiladas, e a própria sobrevivência pode se tornar um castigo.

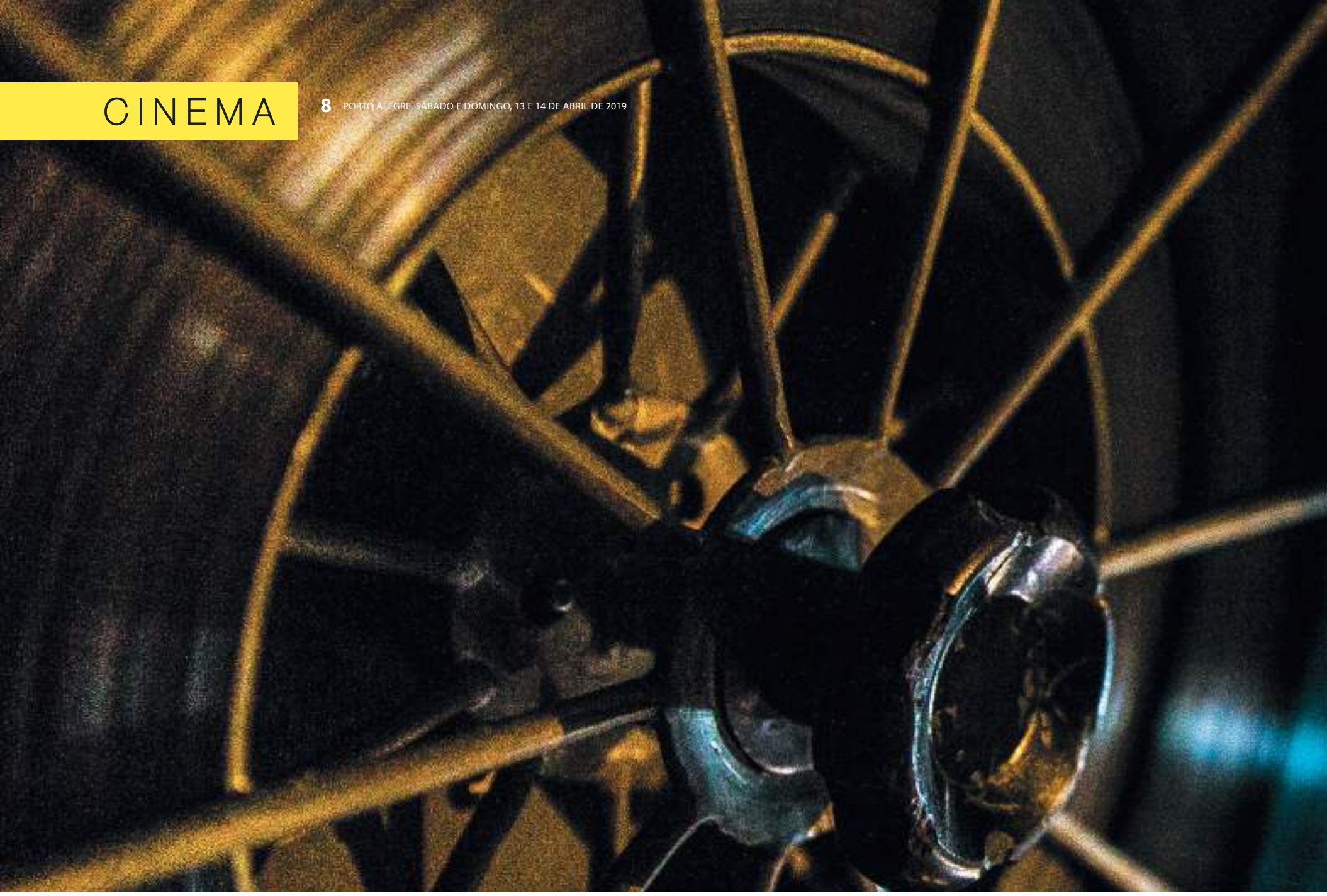
Desde aquela manhã de sábado em Bukavu passou-se mais de uma década. Os caminhos da vida são imprevisíveis e jamais imaginaria cruzar tanto o seu caminho. O acaso é parceiro inseparável do destino; Mukwege parece não fugir à regra. Inicia-se pelo obstetra em Lemera, cidade ao sudeste no Congo. O hospital foi atacado durante a primeira guerra do Congo, sendo ele o único sobrevivente do massacre. Consegue erguer a si e a um hospital – chamado Panzi – em Bukavu, ao sul do lago Kivu. A primeira paciente – no reinício – não é gestante, e sim uma jovem baleada nas coxas e nos genitais. A cura necessita de seis cirurgias. Sucedem-se outras mulheres estupradas e mutiladas. A notícia do médico que as acolhe corre selva adentro. O ritmo de cirurgias aumenta; oito a 10 cirurgias por dia. Mesmo assim, não é o bastante: as cicatrizes psicológicas são imensas. Mukwege forma uma equipe e passa a tratar essas consequências também. Segue não sendo o bastante: as mulheres e crianças não têm para onde ir. Desta forma, tenta integrá-las, e uma cidade é construída ao lado do hospital. Não é o bastante ao próprio Mukwege: busca justiça e punição para os crimes hediondos. E ainda não é o bastante: o mal que as mutila está fora do hospital; então, ele sai ao mundo para contar essa história.

Enfim, esse é o homem que chegará a Porto Alegre; tornou-se mais do que "um Quixote no coração da África", e sim um farol no "coração das trevas", tão bem desbravado pelo personagem Marlow no livro de Joseph Conrad.

Milton Paulo de Oliveira
Médico, chefe do Serviço de Cirurgia Plástica do Hospital São Lucas da PUCRS e Membro Titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica

DENIS MUKWEGE (1955), médico congolês, Prêmio Nobel da Paz. No Congo, país marcado por conflitos e desigualdade, o médico Mukwege passou a atuar em nome da saúde e da dignidade de mulheres vítimas de violência sexual. Prêmio Nobel da Paz de 2018, Mukwege tem uma trajetória que emociona e inspira. Graduou-se em medicina pela Universidade de Burundi e, após testemunhar a precariedade no atendimento às mulheres, concluiu seus estudos em ginecologia e obstetrícia. Fundou, em 1999, o Hospital de Panzi, que já tratou mais de 85 mil pacientes com danos e traumas ginecológicos.

O médico congolês foi conferencista do Fronteiras do Pensamento em 2010 e emocionou a plateia com o seu relato



Um cineasta *mistérios do*

"Eu acho que todos os meus filmes têm um diálogo entre si, do primeiro ao último. Todos são como uma família. Alguns talvez não falem entre si, mas dançam."

Werner Herzog

Desde 1970, Werner Herzog vem transmitindo ao mundo suas fantásticas visões sobre os mais diversos assuntos que falam sobre a alma humana e o sentido da vida. Desde bravos médicos que levam tratamento para regiões inóspitas na África, passando pela relação do homem com a natureza em *O Homem Urso*, ou refletindo sobre a evolução da linguagem em *Caverna dos Sonhos Esquecidos*. Isso só para ficar com alguns exemplos. Afinal, Herzog já fez mais de 60 filmes.

O primeiro dele a que assisti foi *Aguirre, a Cólera dos Deuses*. Surpreendeu em *Aguirre* a estética realista, quase beirando o documental. Lentes ficavam embaçadas e molhadas, ressaltando a força do ambiente, mostrando-nos o aparato. E havia aqueles *travellings* circulares ao final, enfatizando a imobilidade de Aguirre, tornando seus desejos pura imaginação.

Em compensação, contrapondo a crueza das filmagens, vinha uma atuação empostada e aparente na figura do explosivo Klaus Kinski, como se o filme estivesse a admitir a dimensão teatral de seus conflitos. Parecia que o ambiente hostil e o entorno real por si só justificassem a encenação. Afinal, encenar lá não era para qualquer um.

A cólera do título é o abandono dos deuses, deixando o homem a sós com sua loucura, no coração da floresta. *Aguirre* trata de inquietação, desassossego. É o confronto mais cinematográfico de todos, o homem contra a natureza. Estava ali um tema que iria se repetir em muitas das produções de Herzog, em especial em *O Homem Urso*.

A força inexpugnável da natureza, no que ela tem de bela e cruel. Natureza vista não como um paraíso de harmonia, mas como horror na vida de um protagonista descontrolado que tenta de tudo para superá-la.

Em seus melhores momentos, Herzog consegue equilibrar a natureza ao religioso, aos mistérios do mundo, dado o assombro que é, por exemplo, ver a grandiosidade de um vulcão ativo podendo entrar em erupção a qualquer momento.

Seus documentários são verdadeiros tratados antropológicos que têm como ponto de partida determinado aspecto peculiar do mundo. Para Herzog, o diretor deve interferir e não manter-se distante do objeto, pois ele é o responsável pelas imagens e pelas ideias. Mas a interferência do cineasta é, via de regra, filosófica, nunca política. Herzog acha que os filmes não devem ser instrumen-

Os filmes de Werner Herzog registram a experiência humana em sua faceta mais básica

e os *mundo*

to para política.

Suas produções são repletas de reflexões metafísicas que amplificam seu sentido quando ditas ou representadas nos locais exóticos ou desconhecidos escolhidos por Herzog, ambientes que apresentam o misticismo adequado para seus questionamentos.

"Em um tempo em que tudo é *fake*, virtual e digital, Herzog trouxe de volta a ideia de que o cinema é o registro da experiência humana mais básica", diz o diretor Volker Schlöndorff, amigo de Herzog e contemporâneo do Cinema Novo Alemão. "Werner nos permite que apenas vejamos o mundo."

Herzog acredita que as novidades no universo das imagens e o desenvolvimento da linguagem têm de acontecer pelas mãos dos cineastas profissionais ou por artistas visuais. Para ele não é só uma questão formal, mas também de conteúdo, pois essas imagens têm a ver com a compreensão da condição humana.

Sempre me perguntei qual a capacidade de um astronauta para filmar no espaço, ou na Lua. Creio que um diretor de cinema seria uma pessoa mais indicada para captar essas imagens. E, se algum diretor deveria filmar fora do planeta, esse diretor seria Werner Herzog. Quem sabe numa próxima missão espacial da Nasa não levam Herzog para nos trazer imagens até então desconhecidas e questionamentos iluminados. Quem sabe não começamos agora a campanha!

#herzogonmars

Fernando Mantelli
Diretor, roteirista, escritor, especialista em cinema, mestre em escrita criativa e professor de realização audiovisual

Em seus melhores momentos, Herzog consegue equilibrar a natureza ao religioso, aos mistérios do mundo, dado o assombro que é, por exemplo, ver a grandiosidade de um vulcão ativo podendo entrar em erupção a qualquer momento.

WERNER HERZOG (1942), cineasta alemão. Um dos principais nomes do movimento cinematográfico na Alemanha do pós-guerra, Herzog tem uma obra densa e controversa. Com filmes e documentários como *Aguirre*, *Fitzcarraldo*, *Nosferatu* e *O Homem Urso*, Herzog é um diretor que retrata o misticismo, o desconhecido e a tragédia no mundo. A partir de uma abordagem autêntica e polêmica, tornou-se mundialmente conhecido por escrever, dirigir e produzir os próprios filmes com baixo orçamento, geralmente em cenários inóspitos.

O velho e belo *abrigo do afeto*

São tempos difíceis", ouve-se por aí. Catástrofes naturais e outras não tão naturais, crimes hediondos, extremismos e polarizações político-ideológicas, revisionismos e polêmicas supostamente enterradas, disseminação de incertezas e *fake news*, multiplicação de ansiedades e depressões. Não sabemos se o mundo está realmente mais duro e transtornado, ou se somente temos acesso a todas as "notificações" dessas ocorrências. O que acontece é que a vida coletiva tende a emular a vida pessoal: mal percebemos quando ela está bem, mas não deixamos de notar quando ela vai de mal a pior. E como reagimos diante do mal-estar?

Todas as épocas compartilharam dos mesmos males diante do amor, da amizade, da política, da doença e, para falar nas palavras de Marco Aurélio – da hora extrema: a morte. Em alguns momentos, as pessoas têm consolos mais robustos e milenares, em outros se veem sem resposta alguma: como reagimos a elas é o que dá sentido – ou não – à vida de cada um. Pode existir pergunta mais fundamental do que essa – qual o sentido da (minha) vida?

Luc Ferry é um pensador que vem nos ajudar a respondê-la. Como um bom filósofo, não passará diretamente à conclusão, mas antes procurará suas raízes, isto é, qual a origem do mal-estar na contemporaneidade e quais as dificuldades peculiares da nossa época em reagir a ele. Generoso, oferece-nos alguns amparos e muitos caminhos (ou, pelo menos, uma bibliografia) para tentarmos resolvê-la. Audaz, chega inclusive a propor uma solução.

É um empreendimento ousado, e, por óbvio, Luc Ferry não tira da própria cabeça a resposta, mas vai buscar nos grandes pensadores da filosofia. E é aqui que entra o seu maior talento: a capacidade de traduzir o pensamento complexo de filósofos difíceis, sem simplificá-los ou falsificá-los, mas de modo claro e preciso. Porém, não somente para que tenhamos deles algum conhecimento "meramente" intelectual, mas para que percebamos como eles buscavam responder, muitas vezes, os mesmos dilemas que temos na nossa vida, e, num segundo momento, como eles podem, se não nos auxiliar, pelo menos nos acompanhar.

Seu livro *A mais bela história da filosofia* configura-se exatamente assim. Não se trata de uma história da filosofia acadêmica, mas de uma história dos grandes temas humanos através das respostas que a filosofia forneceu. É um livro agradável e apaixonante. Por falar em paixões, é por aí que Luc Ferry caminha para oferecer algumas, nem tão tímidas, soluções para o sentido da vida. Em especial nos seus dois livros *Aprender a Viver* e *A Revolução do Amor*, Ferry sugere que a grande via para encontrar algum sentido na vida contemporânea, essa vida desencantada, seria o velho afeto – o amor. E não é um belo abrigo?

Felipe Pimentel
Historiador e psicanalista

> *Luc Ferry não tira da própria cabeça a resposta, mas vai buscar nos grandes pensadores da filosofia. E é aqui que entra o seu maior talento: a capacidade de traduzir o pensamento complexo de filósofos difíceis, sem simplificá-los ou falsificá-los.*

LUC FERRY (1951), filósofo francês. Na Europa das migrações e do multiculturalismo, Ferry é um defensor do humanismo secular e da espiritualidade laica. Escritor, professor e ex-ministro da Educação na França, Ferry trouxe a filosofia de volta ao cotidiano, com linguagem e abordagem mais acessíveis. De 2002 a 2004, foi ministro da Educação Nacional. Dois anos depois, publicou *Aprender a Viver*, no qual mostra como a sabedoria pode ser o caminho para uma vida melhor. O livro se tornou *best-seller* e recebeu o Prêmio Aujourd'hui 2006.

Seus livros trazem os grandes dilemas e temas humanos com as respostas que a filosofia forneceu

A educação é um pilar de sua atuação, baseada na prática de que melhorar a vida de crianças é garantir um futuro digno e igualitário

Lições de uma ativista africana

Graça Machel tem liderado a busca por apoio a Moçambique após a passagem do ciclone Idai, que ainda levou destruição a Zimbabué e Malawi. Apesar do apelo evidente das imagens, a comoção internacional e a repercussão midiática do evento não acompanharam a extensão de sua gravidade. Como porta-voz de seu país, Graça tenta mobilizar ajuda humanitária pelo longo período que deve durar a recuperação local.

Sua visibilidade tem raiz em sua trajetória de reinvenção como líder africana e alfabetizadora. Também se acentua por seus casamentos com célebres líderes de movimentos de superação de desigualdades em suas comunidades (Samora Machel e Nelson Mandela). No entanto, mais do que qualquer casamento, sua história centra-se no objetivo de empoderar economicamente mulheres em posições subalternas, a fim de dar a elas o poder que precisam para fazer suas próprias revoluções sociais. A educação é um pilar de sua atuação, originada da crença de que fornecer condições para melhorar a vida de crianças é garantir um futuro mais igualitário e digno a todas.

É comum dizer-se que histórias como a de Graça Machel têm traços de contos de fadas. Todavia, diferente desse tipo de ficção, em que protagonistas são ajudadas por fadas e príncipes, foi o conjunto formado por inteligência, crença na educação como potência e oportunidade que conduziu Graça Machel para um patamar muito acima do que prometiam sua origem e seu gênero. No Brasil, entretanto, trajetórias como a dela parecem pouco disseminadas. Em nosso país circulam, em variados discursos de autoridades públicas, ataques a ativistas de direitos humanos, como se essa pauta representasse uma ameaça à nação. Nos casos mais extremos, não só acontecem assassinatos de lideranças saídas de favelas, como também tentativas sistemáticas de naturalizar esses crimes. Essas peculiaridades enfatizam a relevância da presença de Graça, para quem pacificar a família humana é uma missão que exige disposição para enfrentar as desigualdades econômicas, de gênero, raça e etnia. Uma lição viva do que se deve fazer quando o sentido da vida é partilhar o bem comum.

Fernanda Bastos
Jornalista, escritora e editora geral da editora Figura de Linguagem

> *Sua história centra-se no objetivo de empoderar economicamente mulheres em posições subalternas, a fim de dar a elas o poder que precisam para fazer suas próprias revoluções sociais.*

GRAÇA MACHEL (1945), política e ativista pelos direitos humanos moçambicana. Em territórios pobres e carentes de investimentos e de direitos humanos, Machel defende ações pela educação das crianças e pelo empreendedorismo de mulheres. Viúva de Nelson Mandela, Machel espelha-se na própria trajetória para mudar outras vidas no continente africano. Considerada uma das mais importantes ativistas africanas, em 2010 fundou a Graça Machel Trust, organização que auxilia mulheres empreendedoras no continente africano.

O tênue solo do discurso humano

É talvez a mais exemplar metáfora para a filosofia e a literatura de Sir Roger Scruton esteja em algo que enxergamos todas as manhãs ao nos olharmos no espelho; algo que se multiplica anonimamente pelas ruas quando andamos para o trabalho; algo que gratamente reencontramos e contemplamos na presença dos seres amados: o rosto humano. Nas primeiras páginas de *Guia de Filosofia para Pessoas Inteligentes*, Scruton nos convida a imaginar uma face que sorri – face genérica e abstrata, porém concretamente humana. *Por que esse rosto sorri?*, nos pergunta Scruton; e, se preferimos encarar o sorriso humano como apenas um objeto num mundo de objetos, poderíamos responder: o rosto sorri porque os músculos se mexeram; e os músculos se mexeram porque o cérebro lhes enviou certos impulsos elétricos. Sob esse ponto de vista, um sorriso não é outra coisa além de um espasmo.

Para Scruton, no entanto, essa explicação não torna o sorriso, nem o rosto que sorri, nem o cérebro que controla o rosto, mais claros ou inteligíveis; pelo contrário, ela os rouba de seu aspecto mais crucial: o sentido humano. Somente aceitando as dimensões de nossa condição, como seres livres que se relacionam com o universo, poderemos compreender aquele sorriso como realmente é: uma expressão de carinho, felicidade, prazer, sarcasmo ou melancolia. Tais coisas só se tornam compreensíveis "no tênue solo do discurso humano"; quando esse solo é erodido e esvaziado, corre-se o risco de que nada volte a crescer ali.

Combater a *despersonalização* do mundo é um dos labores recorrentes na obra do filósofo de Lincolnshire – labor que o levou tanto a defender as tradições sociais e políticas de sua amada Inglaterra quanto a militar de forma veemente pela preservação do patrimônio arquitetônico, pela humanização das paisagens urbanas e pela conservação ambiental. Este último detalhe talvez cause espécie a quem conhece Scruton apenas como prócer do conservadorismo britânico; mas isso diz menos sobre o autor que sobre nós mesmos – acostumados que estamos a um conservadorismo mais interessado em destruir do que, propriamente, conservar. Conforme saberá quem percorrer as páginas de livros como *A Alma do Mundo* e *Filosofia Verde*, a tarefa de resgatar um sentido humano para o mundo só é possível, na filosofia de Scruton, por meio de um cultivo duplo: do solo espiritual onde vicejam nossas esperanças e temores; e do solo material em que pisamos, berço, lar e cenário da odisseia humana.

José Francisco Botelho
Escritor, tradutor e jornalista, autor dos livros *A Árvore que Falava Aramaico* e *Cavalos de Cronos*. Para a Companhia das Letras, traduziu obras de Shakespeare, Chaucer e outros

Combater a despersonalização do mundo é um dos labores recorrentes na obra do filósofo de Lincolnshire – labor que o levou tanto a defender as tradições sociais e políticas de sua amada Inglaterra quanto a militar de forma veemente pela preservação do patrimônio arquitetônico, pela humanização das paisagens urbanas e pela conservação ambiental.

ROGER SCRUTON (1944), filósofo e escritor britânico. Intelectual que analisa as grandes correntes do pensamento ocidental, Scruton é autor de obras sobre filosofia, política e estética. Professor na Inglaterra e nos Estados Unidos, Scruton é um dos expoentes do pensamento conservador contemporâneo e grande polemista. Considerado um dos mais importantes filósofos da atualidade, lecionou na Universidade de Londres e, atualmente, é professor na Universidade de Buckingham.

Para Scruton, resgatar o sentido humano para o mundo só é possível através do solo espiritual e do solo material

O trabalho de Contardo Calligaris dialoga com os pontos de interrogação e os desejos que nos habitam e nos impulsionam

Encontro com nosso tempo e nossas inquietações

O mais interessante acontece quando ousamos encontrar um lugar desde onde falar que faça ressoar nosso ponto de inclusão no mundo com as interrogações e os desejos que nos habitam, nos impulsionam. Contardo Calligaris transita fortemente por este caminho e faz dele sua riqueza, seja no meio psicanalítico – só de Brasil e de gerações de analistas, mais de 30 anos –, seja na cultura de forma ampla, em seus livros, na coluna da *Folha de S.Paulo*; e das ousadias mais recentes nos últimos anos, a aventura que vem com a criação da série *PSI*: dirigir, roteirizar, pôr em cena as ficções.

Uma das vias pulsantes neste movimento tem a ver com a psicanálise não em uma exterioridade, mas *no* mundo. Que Contardo desdobra de muitas formas. Mais vale poder dizer, intervir desde uma posição que não é nunca neutra, descritiva, fora do jogo. Melhor poder escutar a singularidade dos pacientes e ter presente que a prática e as concepções que a regem têm a ver com seu tempo e seu quadro discursivo.

Contardo, um viajante; marca em sua trajetória, no melhor estilo do *sense of place* de Wim Wenders: não o encontro com o outro pelo exotismo que a diferença poderia evocar, mas pelo interesse genuíno por como se vive e se lida com os enigmas. Vida, morte, conflitos, paixões, a relação com o outro e com a Pólis. Questão clínica por excelência. Poder se dispôr ao lugar que o analisante oferece na transferência, para desde aí operar abertura de espaço, permitir algo das separações do que se carrega de alienante, criar possibilidades para o enlace de gozo com desejo. Contardo, neste sentido, "irreverente", a coragem das suas ideias, a presença que acentua a experiência da vida em andamento. Quando nas crônicas, faz linha transversa pela herança de Montaigne, na abertura dos ensaios – em sua dimensão de narração, de implicação e risco do lado de quem escreve, e que anima a invenção de uma prática discursiva no social. Também encontro com o real de nosso tempo e das inquietações que nos atravessam.

Lucia Serrano Pereira
Psicanalista, membro da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre) e doutora em Literatura pela UFRGS

Contardo, um viajante; marca em sua trajetória, no melhor estilo do sense of place *de Wim Wenders: não o encontro com o outro pelo exotismo que a diferença poderia evocar, mas pelo interesse genuíno por como se vive e se lida com os enigmas.*

CONTARDO CALLIGARIS (1948), psicanalista e cronista italiano radicado no Brasil. A trajetória de Calligaris é marcada pela reflexão sobre a existência humana. No consultório de psicanálise ou em seus textos e livros, ele aborda as questões da adolescência e as angústias provocadas pelos desafios contemporâneos. Em 1985, veio ao Brasil para o lançamento de seu primeiro livro de psicanálise, *Hipótese sobre o Fantasma*. Posteriormente, acabou fixando residência no país, onde mora até hoje.

Uma parte fundamental *da cultura*

A natureza do nosso universo, revelada pela ciência, pode ser muito mais surpreendente do que a ficção científica. Exemplos não faltam: o que dizer da descoberta pelos astrofísicos da existência de buracos negros na natureza? Da matéria escura? Da energia escura? De um universo em expansão?

A astrofísica Janna Levin, professora do Barnard College, da Universidade de Columbia (Nova York, Estados Unidos), também pensa dessa forma, considerando a ciência parte fundamental da cultura humana. E age para promovê-la e divulgá-la de uma maneira divertida e inteligente. Além do seu escritório na universidade, onde faz pesquisa científica, ela também tem um estúdio no centro de arte e inovação Pioneer Works, no bairro do Brooklyn, onde trabalha ao lado de artistas e músicos no papel de diretora de ciências.

A história de Janna é peculiar. Quando jovem, não imaginava que se tornaria uma cientista. Na época do colégio, sofreu um grave acidente de carro que a deixou hospitalizada por muito tempo, tendo por isso não concluído o segundo grau. Mas isso não a impediu de ser aceita no Barnard College, para cursar Filosofia. Entretanto, logo se frustrou pelo conteúdo do curso que, segundo ela, versava sobre "o que filósofos, na sua maioria já mortos, queriam dizer com suas palavras ou textos", e isso não lhe era atrativo.

> *Janna Levin também pensa dessa forma, considerando a ciência parte fundamental da cultura humana. E age para promovê-la e divulgá-la de uma maneira divertida e inteligente.*

Começou então a se interessar por ciência. Após terminar a graduação, com ênfase em Física e Astronomia, doutorou-se em física teórica no Massachusetts Institute of Technology (MIT).

A pesquisa científica de Janna, desenvolvida no Barnard College, versa sobre Teoria dos Buracos Negros, Cosmologia, topologia do espaço e ondas gravitacionais, sendo autora ou coautora de cerca de cem artigos científicos nestes tópicos. Mas sua fama mundial deriva principalmente das suas atividades de promoção e divulgação científica, e em particular dos seus três livros, que, de acordo com críticos e admiradores, harmonizam ciência e vida cotidiana com um "virtuosismo surpreendente".

O primeiro livro foi escrito e publicado em 2002 e tem o título *Como o Universo Ganhou as suas Manchas?* (*How the Universe Got its Spots?*), e versa sobre a origem, o tempo e o espaço no universo, entremeando na escrita fatos científicos e os fatos do cotidiano da sua vida.

Em 2006, publicou o segundo livro, chamado *Um Louco Sonha a Máquina Universal*, no qual faz um paralelo entre as vidas de dois matemáticos brilhantes nascidos no início do século 20, Kurt Gödel e Alan Turing, que, embora nunca tenham se encontrado, tiveram vidas com dramas semelhantes e que terminaram tragicamente.

Em seu terceiro livro, *A Música do Universo – Ondas Gravitacionais e a Maior Descoberta Científica dos Últimos Cem Anos*, editado em 2016, ela conta a história da procura pelas ondas gravitacionais, que tem mais de 50 anos, e que finalmente teve um desfecho feliz com a primeira detecção pelo Observatório LIGO. Estas ondas foram originárias da colisão de dois buracos negros numa galáxia distante, detectadas em setembro de 2015, mas divulgadas em fevereiro de 2016.

JANNA LEVIN (1967), física teórica e astrônoma norte-americana. Com os olhos voltados para o vasto espaço acima de nós, o trabalho de Janna Levin busca compreender os buracos negros e as ondas gravitacionais no espaço-tempo. Professora de física e astronomia, Levin escreve sobre a obstinação do homem em desvendar os mistérios do universo. É formada em física e astronomia pela Universidade de Columbia, onde leciona atualmente, e Ph.D em física teórica pelo MIT.

O que é admirável na Janna, mãe de dois filhos, é esta capacidade de ser cientista competente, divulgadora e promotora irreverente da ciência, bem como em ser uma escritora cativante, que vai certamente cativar também a audiência do *Fronteiras do Pensamento*.

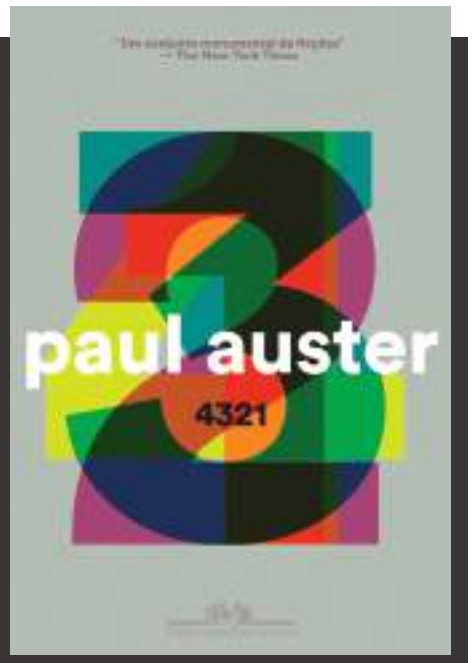
Thaisa Storchi Bergmann
Astrofísica brasileira, pesquisadora IA do CNPq, membro da Academia Brasileira de Ciências e ganhadora do prêmio internacional L'Oreal/Unesco pela sua pesquisa observacional sobre Buracos Negros Supermassivos.

A física teórica e astrônoma também é diretora de ciência no Pioneer Works, atuando ao lado de músicos e artistas

POR MILTON RIBEIRO
Jornalista, crítico literário e
livreiro da Livraria Bamboletras

4321

Paul Auster
Companhia das Letras (2018)
816 páginas



Difícil imaginar que o mestre da concisão e dos sofisticados truques narrativos tenha escrito um monumental romance de mais de 800 páginas, mas aconteceu. Talvez a única surpresa seja mesmo o tamanho do volume, porque, de resto, as características de Paul Auster estão mantidas – os acasos, a estrutura engenhosa, o clima tranquilo e envolvente.
O título é fácil de explicar. Auster narra quatro possíveis vidas de Archie Ferguson. São quatro narrativas que se intercalam para um mesmo personagem, à exceção do primeiro capítulo, que conta a origem familiar do(s) protagonista(s). Não é complicado de entender, mas é necessária atenção, o que também não é novidade para os leitores de Auster. Quando a leitura é interrompida, às vezes é difícil lembrar qual dos Archies quebrou o braço caindo de uma árvore, o que perdeu dois dedos em um acidente de carro, o que lançou seu próprio jornal ainda na escola, o que fez sexo no mesmo dia em que JFK foi assassinado. Mas isso importa mesmo? Um escrito poético deve ser entendido 100%? A indicação é fruir. Afinal, há coisa melhor do que ficar imerso na companhia de um grande contador de histórias?

Hello, Brasil! e Outros Ensaios – Psicanálise da Estranha Civilização Brasileira

Contardo Calligaris
Três Estrelas (2017, reedição)
296 páginas

Em 1991, o psicanalista italiano Contardo Calligaris compilou seus apontamentos sobre o ambiente brasileiro na primeira edição de *Hello, Brasil!* Ele queria entender os motivos que o levaram a ser seduzido pelo país a ponto de vir residir aqui. A autoanálise revelou não somente fatores pessoais como uma original visão do Brasil. Agora, o livro ganhou uma nova introdução e mais cinco ensaios, mas o cerne permanece. Afinal, os temas principais do livro – a herança escravocrata, a voz do colonizador, o caudilhismo, a dominação do outro, a falta de ações coletivas, o desconhecimento sobre sua própria cultura – ainda são atuais. O autor diz que buscou articular a identidade nacional a partir dos conflitos internos, oposições e de sonhos que viraram pesadelos. É uma psicanálise que aborda as idiossincrasias do País. Os elevadores de serviço, as crianças correndo pelos restaurantes, os motéis, a Xuxa, o jeitinho. É curioso ler o livro e notar a forma como cada um de nós carrega em si a história. O paciente de Contardo não é para amadores, como se diz por aí.

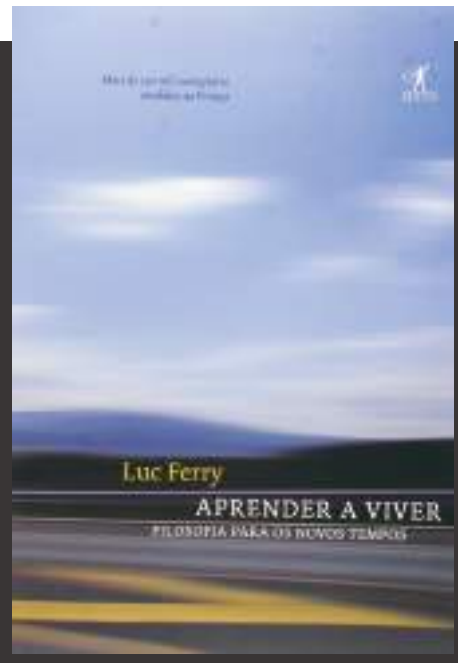
Tolos, Fraudes e Militantes – Pensadores da Nova Esquerda

Roger Scruton
Record (2018)
406 páginas

Quando do lançamento deste livro, houve alguma polêmica no âmbito da crítica. A esquerda odiou e a direita deu razão ao inglês Roger Scruton. Os primeiros chamaram o livro de mero panfleto polemista, os outros rebateram dizendo que o texto não deveria ser avaliado por pessoas identificadas com a esquerda. Scruton é um filósofo que se dedica principalmente às áreas da política, da ética, da estética e da religião, tem importantes obras sobre Kant e Spinoza e não deve ser confundido com alguns notórios colegas brasileiros. Aqui, ele analisa o pensamento da "nova esquerda" – Hobsbawm, Dworkin, Sartre, Lacan, Habermas, Marcuse etc. O livro é o mais importante projeto do autor, e a presente tradução é a atualização de *Pensadores na Nova Esquerda*, publicado em 1985. Em 2015, o autor rebatizou a obra e retirou dele a análise de autores fora de moda como Laing e Bahro para dar entrada a personagens mais centrais do debate como Deleuze, Badiou, Foucault e Žižek. É claro que o livro não alcança a abrangência da produção de cada um dos analisados, mas faz considerável estrago.

Aprender a Viver – Filosofia para os Novos Tempos

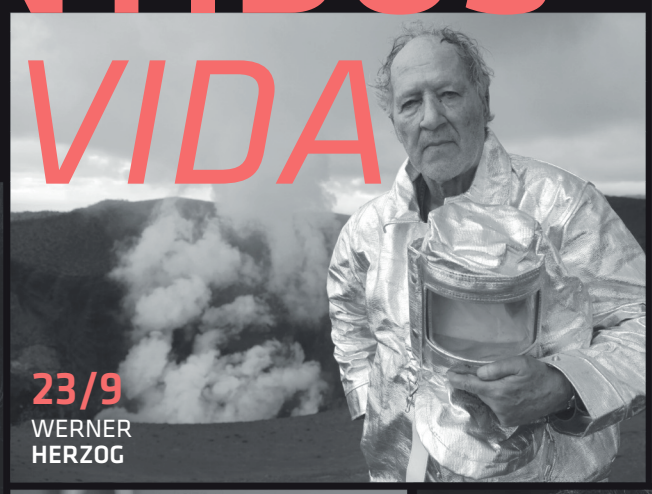
Luc Ferry
Objetiva (2010)
240 páginas

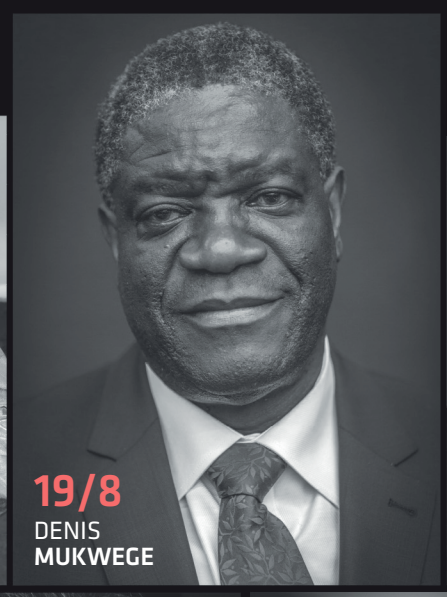


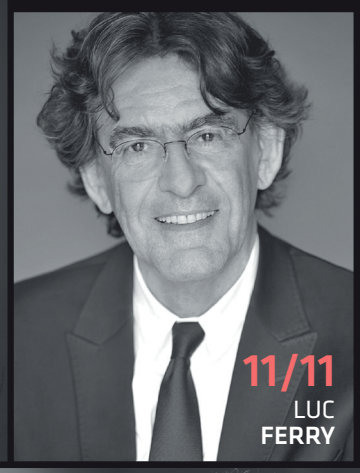
Luc Ferry é um filósofo e professor que foi ministro da Educação da França. Ele tem uma imensa bibliografia que se caracteriza por alternar trabalhos aprofundados com tentativas de explicar conceitos filosóficos a leigos. Por exemplo, *Aprender a Viver* surgiu quando amigos desafiaram o escritor a improvisar um curso de iniciação que fosse compreendido facilmente por leitores comuns, mas sem corromper conceitos. A obra deveria aparecer tanto em livro como em uma série de CDs de áudio. Ferry foi bem-sucedido, conseguindo fazer o leitor entender o significado das principais visões de mundo que marcaram a história do pensamento. Tudo isso sem utilizar jargões, indo ao essencial e, fundamental, sem ser entediante. Neste livro, a filosofia torna-se uma construção viva e lógica. Esta viagem pela história da filosofia é secular e pode desagradar aos crentes – apesar de o autor demonstrar respeito aos que creem. Porém, o que vale é a impressionante habilidade de Ferry de levar o leitor agradável e compreensivamente pela mão.

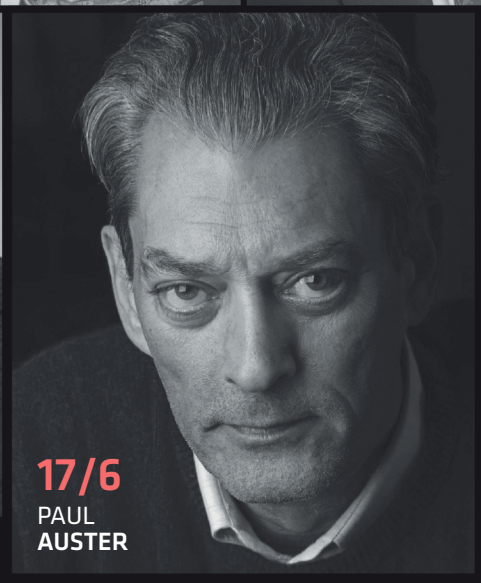
Braskem apresenta WWW.**FRONTEIRAS**.COM

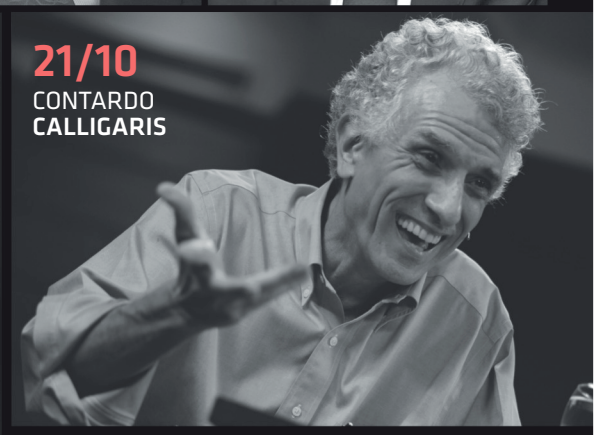
SENTIDOS *DA VIDA*

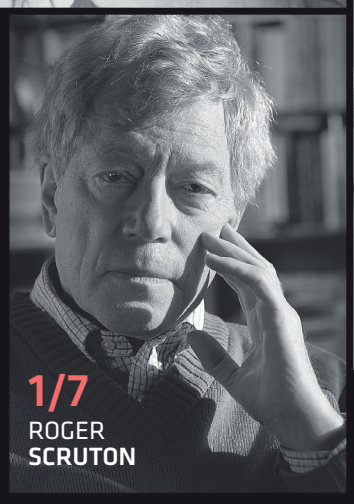












LOCAL
Salão de Atos da UFRGS
Exceto a conferência de 21 /10, que acontece no Salão de Atos da PUCRS

INFORMAÇÕES
4020.2050

VENDAS
Bamboletras
Instituto Ling
Casamundi
www.sympla.com.br
sem taxa de conveniência

Clube do Assinante desconto de 50%

Para entender o mundo, precisamos ir além dos mapas. Na procura por respostas, devemos fazer novas perguntas. E, quando buscamos o outro, também é importante reconhecer a nós mesmos. No universo de infinitos e subjetivos, os encontros de ideias e pessoas são motores da mudança individual e coletiva.

Siga o conhecimento. Cultive a inspiração. Vivencie o debate. Ultrapasse as fronteiras.

Temporada 2019 - 8 Conferências - De maio a novembro - Acesse Fronteiras.com

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Apresentação
Braskem

Patrocínio
Unimed Porto Alegre
HOSPITAL MOINHOS DE VENTO

Empresas Parceiras
UNICRED
cmpc

Parceria Cultural
MARISTA
PUCRS

Promoção
Grupo RBS

Universidade Parceira
UFRGS PLURAL E INOVADORA 85 ANOS 1934 - 2019